ARTICULAÇÃO ENTRE TEOLOGIA E PASTORAL A propósito de uma experiência concreta

J.B. Libânio S.J.

I. INTRODUÇÃO

No entre-guerras, os fautores da Teologia querigmática acumularam sérias críticas à Teologia escolástica e escolar por causa de sua incapacidade de preparar os futuros sacerdotes para serem ministros da Palavra. A tentativa de elaborar uma Teologia querigmática em que o objeto formal fosse o "bem", "o predicável", "Jesus Cristo", enquanto a Teologia escolástica científica trabalhava com outro objeto formal "o verdadeiro", "Deus sob o aspecto da divindade", introduziu uma ruptura inaceitável dentro da Teologia. A condenação da Teologia querigmática fechou um caminho impérvio, mas não resolveu o problema.

As décadas anteriores ao Concílio Vaticano II e os anos que o acompanharam ressuscitaram velhas críticas à Teologia escolar, no sentido de que a formação científica recebida ajudava pouco à missão da pregação, da categuese, do diálogo com os homens, da pastoral em geral. G. Griesl afirma apodicticamente em 1966, que o seminário tem fracassado na missão de preparar o jovem teólogo para a vida pastoral. Os candidatos ao sacerdócio precisam confrontar-se, de fato, com a problemática da vida moderna e ser introduzidos no domínio da situação pastoral. Assim como o melhor estudo de anatomia não forma o cirurgião, se não lhe advém a própria experiência, assim se pode dizer que um sacerdote piedoso não conseque só com sua piedade enfrentar a problemática moderna. Há o perigo de que um sistema de estudos, onde falte a Teologia pastoral até o último ano, enfragueça o ideal do jovem estudante de tornar-se pastor¹. Basta esse exemplo expressivo do teólogo alemão para resumir um sentimento generalizado nos seminários e faculdades de Teologia até os dias do Concílio Vaticano II.

De fato, o Concílio Vaticano II assumiu com entusiasmo essa aspiração generalizada de que "todos os aspectos da formação, o espiri-

G. GRIESL, "Krisen im modernen Priesterleben", in: Lebendige Seelsorge 17 (1966) p. 134; ID., Pastoralpsychologische Studien, Innsbruck-Wien-München 1966, pp. 240/1.

tual, o intelectual e o disciplinar, em ação conjunta devem ordenar-se a este fim pastoral"². Portanto a dimensão pastoral deve informar toda a formação intelectual e espiritual, normando-as, modelando-as, dando-lhes cor.

A partir dessa orientação do Concílio, desde os inícios do Centro de Estudos Superiores de Belo Horizonte (1982), a Faculdade de Teologia está tentando uma maior e melhor articulação entre a Pastoral e a formação de nossos futuros pastores e leigos engajados.

É essa modesta experiência que queremos transmitir e sobre a qual faremos algumas reflexões teóricas a fim de aperfeiçoá-la e de oferecer elementos para outros formadores.

II. SENTIDO DE PASTORAL E IMPLICAÇÕES CONCRETAS

Antes de tudo, o termo "Pastoral" é plurissêmico e tem provocado equívocos e favorecido expectativas deslocadas.

A Pastoral pode ser entendida como um objetivo ao qual toda a formação deve orientar-se, no espírito do nº 4 da Optatam Totius. Em nosso caso todos os setores da casa de formação dos jesuítas e da Faculdade de Teologia estão envolvidos, mas diferenciadamente.

Assim a formação espiritual orienta-se para a futura vocação de pastor (sacerdote) ou de agente de pastoral (religiosos/as, leigos/as). O tipo de oração, as atitudes espirituais a serem desenvolvidas, o cultivo da espiritualidade devem levar em consideração essa vocação pastoral. Tal instância depende, portanto, dos responsáveis pela formação espiritual dos estudantes e não diretamente da instância acadêmica.

Essa dimensão pastoral tem suas repercussões sobre a personalidade dos alunos. Não se trata propriamente do aspecto espiritual, mas psicológico. A vida pastoral coloca desafios ao caráter. Há defeitos de personalidade que dificultam uma eficiente e frutuosa ação pastoral e eles emergem durante esse período de formação. Há qualidades de liderança, de trabalho em comum, de percepção dos destinatários da ação pastoral, que necessitam ser testadas, desenvolvidas. É mister, portanto, que tal aspecto não fique entregue a um puro espontaneísmo.

De fato, quanto lamentamos atitudes neuróticas e desajeitadas de pastores, vigários, párocos, com tristes conseqüências para a presença pastoral da Igreja, provavelmente porque talvez nunca essas pessoas durante sua formação trabalharam consciente e criticamente sobre sua personalidade a partir dos confrontos pastorais. Como a sabedoria

² CONC. VAT. II, Optatam Totius nº 4.

popular nos ensina, "é de pequenino que se torce o pepino". É necessário, portanto, que haja uma instância onde se possa revisar tais aspectos referentes à personalidade, afetividade, caráter de nossos formandos.

Esses dois aspectos temos trabalhado em nível de comunidade religiosa para nossos estudantes jesuítas, esperando que as outras comunidades o façam com seus alunos. Para o aspecto estritamente pessoal, cada aluno tem um orientador espiritual com o qual poderá confrontar essa dimensão de sua vida. E esse está atento aos problemas que surjam de dentro da pastoral. Em nível de comunidade apostólica, todas as semanas, uma das orações do meio dia é consagrada a "rezar a atividade apostólica" do final de semana. Assim os membros da comunidade se reúnem em grupos conforme o trabalho pastoral que exercem em conjunto e organizam espontaneamente sua oração, revisando em clima de oração as atividades do último final de semana, já que o fazem todas as semanas.

A Pastoral pode ser entendida como uma dimensão que informe a Teologia por dentro. Exerce, nesse caso, uma função epistemológica. Nesse sentido, K. Rahner repetia com freqüência que toda Teologia deve ser pastoral e toda pastoral deve ser teológica. Trata-se então de uma atividade eminentemente do professor. Ele deve ser o primeiro a procurar que toda a visão de sua Teologia tenha essa dimensão pastoral.

Esse trabalho tem sido propiciado em nossa Faculdade por diversos fatores. Antes de tudo, há uma opção geral de todo o corpo de professores de construir uma Teologia em diálogo com os problemas de nosso mundo contemporâneo e especialmente de nosso Continente latino-americano. Portanto um puro academicismo teórico teológico está fora da perspectiva fundamental de nossa Faculdade.

Ademais, todos os professores, além de suas atividades estritamente acadêmicas, desenvolvem trabalhos pastorais que lhe servem de fonte de perguntas e lugar de verificação de suas teologias.

Outro fator importante de impulso pastoral tem sido o fato de levarmos em comum uma revista teológica — Perspectiva Teológica. Os números são programados em comum e uma preocupação com temas de alcance pastoral tem sido constante. Os artigos, escritos em vista de publicação, são lidos e criticados por todo o corpo de redação, de modo que se vai criando uma consciência teológica comum. E sobretudo o Editorial, que quer ser ao mesmo tempo uma produção conjunta dos professores e uma tomada de posição teológica sobre situações concretas da vida de nosso povo e da Igreja, tem sido uma ótima escola de reflexão pastoral em íntima relação com nossa atividade teológica.

Pastoral tem servido também para designar uma determinada matéria do currículo teológico, que assumiu o nome de "Teologia

Pastoral". Com essa disciplina, procurou-se responder às exigências do Decreto Optatam Totius no nº 19: "A solicitude pastoral que deve penetrar toda a formação dos estudantes, exige que eles também se instruam diligentemente no que de modo especial se refere ao sagrado ministério, sobretudo na catequese e na pregação, no culto litúrgico e na administração dos sacramentos, nas obras de caridade, na missão de ir ao encontro dos errantes e incrédulos, e em outros trabalhos pastorais".

Obedecendo ao Concílio, a Sagrada Congregação para a Educação Católica publicou em 1968 algumas "Normae quaedam", ainda tendo a Constituição de Pio XI Deus Scientiarum Dominus (1931) como ponto de referência, enquanto se preparava uma nova Constituição Apostólica, que só ficará pronta e publicada no atual pontificado de João Paulo II. Assim em 1979 se promulga a Constituição Apostólica Sapientia Christiana juntamente com as "Ordinationes" da Sagrada Congregação para a Educação Católica. Nessas "Ordinationes" prescreve-se como "disciplina obrigatória" no currículo teológico a "Teologia Pastoral". Aparece como uma matéria à parte em relação às outras disciplinas teológicas sistemáticas. Nesse caso, não basta o enfoque pastoral de toda a Teologia. Trata-se de algo especial, próprio, distinto³.

Um quarto sentido de *Pastoral* se refere às *atividades concretas de ação pastoral*. É o sentido mais comum empregado hoje. Fez história entre nós a expressão "agente de pastoral" para designar a pessoa envolvida diretamente com a prática pastoral. Nesse sentido, pastoral quer significar esse conjunto de práticas que a Igreja na pessoa de seus pastores, agentes, grupos, desenvolve em vista do crescimento da comunidade cristã.

A atividade pastoral, como tal, escapa à competência jurídica e formativa da Faculdade. De novo, pertence ela a outra instância, que se encarrega mais diretamente do aspecto de formação global (religiosa). Para tal finalidade, há um formador especialmente encarregado, em íntima articulação com os párocos e com os outros formadores, que organiza e orienta a atividade pastoral dos alunos (jesuítas).

Portanto os problemas relacionados com a organização da pastoral lhe tocam diretamente e também zela para que os estudantes possam crescer humana e espiritualmente, adquirindo verdadeiras atitudes pastorais. As suas reuniões se organizam fora do currículo e tempo escolar, já que independem da estrutura da Faculdade.

JOANNIS PAULI II, Const. Apostolica "Sapientia Christiana" et Ordinationes Sacrae Cong. pro Inst. Catholica: pars altera: Normae speciales, Tit. 1, art. 51, p. 42.

III. A PASTORAL NO INTERIOR DA FACULDADE DE TEOLOGIA

Nesses seis anos de experiência, temos procurado encontrar um método que melhor articule a Teologia e a Pastoral. Aos poucos, vamos percebendo alguns pontos que nos parecem válidos. Nesse artigo, queremos apresentá-los no seu caráter provisório e experimental, já que ainda estamos numa fase de busca e de tentativas.

1. Estrutura geral do método (experiência)

a. Determinação da atividade pastoral

No início do ano ou semestre respectivamente, cada aluno (jesuíta ou não, seminarista ou leigo/a) deve ter escolhido ou recebido uma atividade pastoral bem determinada. Como disse acima, esta escolha ou determinação depende da instância extra-acadêmica da comunidade religiosa ou do superior eclesiástico ou do acerto com alguma autoridade pastoral (pároco, movimento religioso, etc. . .).

Cada aluno de nossa Faculdade de Teologia tem seu diretor de estudos, com quem ele tratará ao longo dos semestres os problemas referentes à sua vida intelectual, acadêmica ou a outras atividades relacionadas com a formação intelectual. A ele, no início do semestre, o aluno apresenta seu projeto pastoral, onde se determinam alguns pontos tais como:

- natureza da atividade pastoral;
- tempo empregado na atividade;
- tempo exigido para a preparação da atividade.

Tal programa pastoral deve ser situado no conjunto do projeto de estudos do aluno para que o diretor perceba a proporcionalidade quanto às exigências de tempo e energias. Dá-se então um momento de discernimento e de confronto para que resulte um projeto pastoral de cunho formador. O diretor de estudos deve estar atento aos dois extremos: excesso de envolvimento pastoral em detrimento da reflexão teológica ou carência de trabalho apostólico com risco de uma Teologia academicista e desencarnada.

Evidentemente tal projeto apostólico não é algo fixo. A experiência do aluno ou/e a perspicácia do diretor de estudos poderão sugerir alterações quer na natureza da atividade, quer na taxa de comprometimento.

b. Acompanhamento por parte do diretor de estudos

Este aspecto dinâmico do projeto só é possível porque o aluno recebe um duplo acompanhamento ao longo do semestre, por parte da Faculdade. Portanto no interior da vida acadêmica. Sem falar, por conseguinte, dos orientadores nas outras instâncias.

Cada diretor de estudos estabelece com seu aluno o ritmo de avaliação do trabalho pastoral designando um dia para tal. Nesse dia, o aluno apresenta a seu diretor como ele tem trabalhado a relação pastoral e Teologia e qual é o material que ele tem recolhido e trabalhado teoricamente. Pois, como veremos ao tratar do método teórico, cada aluno deve ir acumulando observações ao longo de todo o semestre e refletindo sobre elas, mostrando a seu diretor o resultado escrito de tal processo.

Além desse acompanhamento pessoal, cada sala de aula (no caso de nossa Faculdade, cada ano de Teologia) tem um professor encarregado da reflexão pastoral. Cada mês há um horário duplo — 1h30 —, em que se substituem as aulas do horário normal para uma avaliação pastoral sob a orientação do professor designado.

Nesse encontro, não se trata de aspectos organizativos da pastoral, mas de sua relação com a vida acadêmica, com a reflexão teórica. Em geral, pede-se que um ou mais alunos exponham os dados colhidos de sua prática pastoral e as reflexões que eles até então conseguiram elaborar. Em seguida, o professor e os colegas interferem com perguntas, críticas, comentários, de modo que os alunos podem progredir em sua reflexão e ir preparando o relatório final (do qual falaremos adiante).

Os outros vão aproveitando as críticas para irem aprendendo o método de trabalho a partir do exercício dos colegas. O professor orientador deve estar atento a que os alunos consigam fazer uma reflexão aderente à realidade e sobretudo evitem os dois extremos comuns: pura descrição fáctica, anedótica ou uma reflexão teórica descolada, paralela à realidade pastoral. E os alunos, por sua vez, devem ter preparado de antemão o material para a reflexão mensal (por isso, eles são sempre designados com antecedência), tendo levado em consideração o objetivo principal que é articular a pastoral com a reflexão teórica, ultrapassando o simples nível informativo, impressionista.

c. Relatório final

Durante os 7 semestres de Teologia, os alunos deverão com a ajuda do diretor de estudos e do orientador de curso para pastoral elaborar dois relatórios.

Um primeiro deve ser elaborado no final do 2º semestre. Ele versará sobre as questões, as dificuldades, as observações que o aluno anotar a partir de sua atividade pastoral. Ele fará um levantamento de todos os elementos que conseguir observar. E depois, submetê-los-á a uma análise de natureza pré-teológica. Para isso, no início do semestre, são-lhe oferecidos alguns modelos simples de análise. Indicaremos tais modelos, ao desenvolvermos a parte metodológica no parágrafo seguinte.

O segundo relatório deve ser preparado entre o 3º e 5º semestre, pois deverá ser entregue no final do 5º semestre. A sua natureza já é bem diferente. Sobre o dado analisado no primeiro relatório, caso o aluno continue com a mesma atividade, ou sobre outro dado colhido pelo aluno, ele fará uma reflexão estritamente teológica. Nesse momento, ele mostrará sua capacidade crítico-teológica. Como ele já possui boa parte do curso de Teologia, pode jogar com muitos elementos dos diferentes tratados, confrontando-os com os elementos observados e analisados com mediações pré-teológicas.

Para esse segundo trabalho, no início do 39 semestre, é oferecido ao aluno um modelo de reflexão teológica.

Nos dois casos, o relatório deve nascer de um trabalho que se vem desenvolvendo ao longo dos semestres num diálogo com o diretor de estudos e com o orientador de pastoral de seu curso.

2. Método teórico para as reflexões (relatório)

Como vimos, há dois métodos diferentes. Nos dois primeiros semestres, trabalha-se num nível pré-teológico, exercendo um "olhar crítico" sobre a realidade pastoral. Nos semestres seguintes, o aluno se exercita numa reflexão estritamente teológica.

a. Métodos pré-teológicos de análise

Trata-se de um trabalho simples, sem muitas pretensões teóricas, mas que já habitue o aluno desde o início a ter um olhar crítico sobre sua atividade pastoral e a superar o improvisionismo e o impressionismo. O aluno é solicitado a aprender a VER. Trata-se de um VER mediatizado sobretudo por análises sociais e históricas, que lhe sejam acessíveis nesse estágio cultural. Para isso, conta com a orientação do diretor de estudos e de um professor acompanhante de curso.

Alguns modelos didáticos podem ajudar o aluno nessa tarefa de VER.

Análise estrutural dum caso.

Esta análise consiste em escolher um caso pastoral, uma cena litúrgica, um evento de caráter eclesial. Procura-se então elencar todos os principais elementos que entram em cena: atores, objetos, movimentos, gestos, cantos, ritos, símbolos, palavras, etc. . . 4.

Num momento seguinte, estruturam-se esses elementos, numa forma gráfica de desenho ou esquema, de modo que apareçam as relações entre eles. A posição fixa ou o deslocamento dos elementos no interior do ato ou evento é descrita e interpretada. A atenção deve voltar-se para o conteúdo e sentido das posições e relações entre os elementos da estrutura em questão. Pode-se também analisar as funções, os papéis, o poder que exercem.

Num momento ulterior, pode-se descer à análise de poder, de interesses políticos ou/e eclesiásticos. Enfim, a dimensão ideológica merece uma atenção, quer em relação aos aspectos corporativos eclesiásticos, quer em relação ao todo da sociedade de conflitos em que vivemos.

Evidentemente tais análises devem ser feitas num caráter de exercício e de certa provisoriedade, já que em geral não se dominam bem os conhecimentos desse tipo de análise. Além disso, é importante distinguir entre as intenções subjetivas das pessoas envolvidas na cena, suas motivações pessoais sinceras e profundas, e as intencionalidades objetivas, internas à dinâmica da cena. Não acontece identidade entre ambas. Pelo contrário, freqüentemente vigora enorme distância, já que os interesses e jogos de poder não aparecem à primeira vista e conseguem ser ocultados com facilidade por uma série de outros fatores: educação, tradição, costumes, idéias e símbolos dominantes, experiências passadas não refletidas nem criticadas, etc. . . Assim as pessoas podem ter uma "intenção ou motivação pessoal" numa direção e a dinâmica ideológica da ação ir em outra, sem que as pessoas o percebam. Só uma análise crítica consegue desvendar essa defasagem.

Análise histórica e sociológica.

Outro tipo de análise preocupa-se com os elementos históricos. Assim o aluno procura informar-se da origem do grupo humano predominante na sua área de trabalho. Em geral, trabalha-se em regiões peri-

O antropólogo Roberto da MATTA oferece interessantes análises, como p. ex. em: Carnavais, Malandros e Heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro, Zahar, Rio de Janeiro 1979; Ensaios de antropologia estrutural: O Carnaval, como um rito de passagem, Ed. Vozes, Petrópolis 1977².

féricas de recente urbanização ou migração. Nesse caso, interessa saber de onde vêm as pessoas, que tipo de religiosidade possuem, quais os principais traços culturais do grupo humano preponderante. Se se trata de uma capela ou igreja recém-construída, informar-se da origem histórica da construção, da criação da comunidade ou paróquia.

Analisar, além disso, quais são as pessoas, grupos ou forças sociais que pesaram ou ainda pesam na criação da comunidade. Como elas atuaram e ainda atuam na vida social e religiosa do povo.

Esta pequena análise pode ser feita a partir de documentos escritos, caso existam, sobre a área de trabalho pastoral, ou através de conversas com as pessoas mais antigas, que são a memória viva da comunidade. Já se torna mais difícil identificar as origens culturais ou religiosas pelos traços presentes na comunidade. Supõe do aluno um conhecimento melhor e maior de diversas formas religiosas e culturais do país.

Sem talvez descer a determinações mais concretas e precisas, podem contentar-se em distinguir na análise religiosa formas mais gerais de catolicismo: tradicional luso, tridentino, vaticano II e de corte libertador (Medellín-Puebla). Para isso, podem ajudar as análises já feitas por Riolando Azzi e Pedro Ribeiro de Oliveira⁵. Com o instrumental teórico-analítico elaborado por esses historiadores e sociólogos, o estudante pode afrontar as formas religiosas que encontra em sua atividade pastoral.

Análise ideológica e/ou de esquemas mentais

Ainda que nos modelos anteriores apareçam já elementos ideológicos e pertencentes a esquemas mentais diversos, pode, porém, o aluno concentrar sua atenção crítica nos aspectos mais diretamente ideológicos ou de esquemas mentais. Nesse caso, num primeiro momento devese fazer um levantamento dos principais atores sociais do campo pastoral. Entende-se por ator social aquelas pessoas que representam nas suas práticas sociais projetos eclesiásticos e/ou políticos. Por isso, a análise deve tentar descobrir que papel essas pessoas representam, que interesses defendem, que projeto eclesiástico ou/e político possuem e levam a cabo.

Além do levantamento e descrição dos atores sociais, interessa estudar a relação entre eles, as práticas que desenvolvem, os efeitos que produzem. Pode-se concentrar a atenção ora mais sobre a questão do poder (força de impor sua vontade) ora sobre a influência de suas idéias

P. RIBEIRO DE OLIVEIRA, "Catolicismo Popular e romanização do catolicismo brasileiro", in: *REB* 36 (1976) pp. 131-141; R. AZZI, "Elementos para a História do Catolicismo popular", in: *REB* 36 (1976) pp. 95-130.

(hegemonia). No fundo, trata-se de ver quem dita as cartas, impondo sua vontade ou fazendo passar seu mundo ideológico.

Quanto ao mundo ideológico, a análise pode deter-se mais no aspecto de interesses corporativos (eclesiásticos ou políticos) ou no aspecto de horizonte cultural (esquemas mentais). Para a análise dos esquemas mentais, permito-me mencionar meu pequeno livro⁶.

Para uma análise mais profunda e complexa do campo religioso sob o prisma da estrutura dialética do conflito, o aluno pode recorrer ao instrumental teórico elaborado por O. Maduro⁷. Nessa obra, encontrar-se-ão elementos teóricos para analisar a tríplice situação do campo religioso no interior de uma sociedade (conflitiva). De um lado, ele sofre a influência da sociedade, doutro lado ele conserva certa autonomia e finalmente ele também exerce sobre a sociedade sua influência específica. Assim o aluno poderá ver no seu pequeno campo pastoral, como os elementos sócio-políticos influenciam as realidades religiosas, como essas têm também certa independência e também como elas exercem influxo sobre as atividades sociais e políticas da comunidade.

Observação final

Esses exercícios visam a despertar os alunos para uma atitude mais crítica e menos espontaneísta na sua prática pastoral. Deve-se, porém, manter a consciência de que se trata de análises bem simples, de iniciantes, sem pretensões exageradas de cientificidade técnica. São exercícios de aprendizagem, provisórios, precários, mas que já servem ao crescimento crítico.

b. Método teológico

Esta é a fase mais importante e própria de uma Faculdade de Teologia. Por isso, é reservada aos alunos mais maduros teologicamente.

O primeiro relatório, fruto de análises pré-teológicas, já serve de base para esse momento ulterior. Ele levou o aluno a observar criticamente o que acontece a seu lado. Despertou nele o senso de observação, criando uma atitude de escuta, em relação ao povo com que trabalha.

Assim o primeiro momento nesse trabalho teológico, é, agora, ouvir os dados teológicos que o povo tem, transmite, manifesta, revela nas suas palavras, gestos, ações, ritos, símbolos. Para isso, o aluno deve escutar o povo, anotando o máximo que pode de expressões religiosas,

Formação da Consciência Crítica. 1. Subsídios filosófico-culturais, Vozes/ CRB, Petrópolis/Rio, 1986⁵.

O. MADURO, Religião e Luta de Classes, Ed. Vozes, Petrópolis 1981.

de manifestações teológicas, de concepções do religioso que o povo tem.

É o momento de registrar, se possível as próprias palavras usadas pelo povo, os gestos que fazem, os sinais que usam. Ver como as pessoas citam a Bíblia, a interpretam. Anotar como falam de Deus, de Cristo, de Nossa Senhora, das realidades religiosas e eclesiais. Trata-se de um momento puramente descritivo, captativo, sem ainda aventar interpretações. Para que a análise teológica possa depois ser mais séria, é importante que o aluno restrinja o campo de observação a algum tema teológico em particular. Nesse caso, a observação pode ser mais perspicaz, já que concentrada. Além disso, pode-se tomar a iniciativa de provocar respostas com perguntas previamente preparadas a fim de obter mais elementos para a reflexão teológica posterior.

Assim ao terminar esse primeiro momento, deve-se ter à mão um elenco de elementos, de frases, de símbolos, de gestos, sobre aquele tema religioso que se escolheu.

No segundo momento, procura-se fazer a passagem ao conceito. Esse segundo passo consiste em sistematizar, organizar conceitualmente os elementos que captamos do povo na forma religiosa própria dele. Agora faz-se uma transposição em outra linguagem. Codifica-se em linguagem teológica, aquilo que anotamos em linguagem simples, religiosa, desorganizada, com solecismos gramaticais e teológicos.

Já é um primeiro trabalho teológico da "inteligência ilustrada" do aluno. Modifica-se a chave lingüística. Nesse momento, o diretor de estudos e o orientador de curso devem ajudar o aluno a encontrar conceitos e chaves teológicas que sirvam para sistematizar os dados esparsos, colhidos no contacto direto da pastoral com o povo.

O terceiro momento é o mais importante. Trata-se de instaurar um círculo hermenêutico entre a Teologia que o aluno está aprendendo no curso e o conceito (compreensão) teológico do povo que ele mesmo sistematizara no momento anterior. O círculo hermenêutico consiste num duplo movimento. Parte-se do conceito popular elaborado e confronta-se tal conceito com o dado teológico já possuído pelo aluno numa dupla perspectiva. Primeiramente, procura-se captar desse conceito popular todos os elementos que se julgam positivos numa dimensão libertadora. Que percepção teológica profunda do povo merece ser ressaltada, valorizada, retida e que outros elementos presentes nessa concepção teológica mereçam ser negados (dialeticamente) no seu limite, nos aspectos ideológicos dominantes introjetados, na dimensão alienante, no tributo pago a tradições superadas, a deformações culturais? Este é o primeiro lado do círculo hermenêutico. A pergunta deve continuar noutra direção. Que elementos, por sua vez, de nossa concepção

teológica se deixam criticar pela percepção popular naquilo que eles são positivos e naquilo que pagam tributo a uma cultura dominante, elitista, redutora de muitos valores tradicionais populares?

Se se trabalha corretamente o círculo, resultará no final um conceito que não é nem o conceito teológico popular inicial nem o do aluno, mas algo novo. De fato, o aluno procurou libertar o conceito popular daquilo que ele tinha de empecilho para um processo libertador, fruto de tantos anos de dominação em todos os campos. Por sua vez, a experiência popular, que se traduz no conceito teológico popular, tem força libertadora em relação a uma série de infiltrações ideológicas nas teologias acadêmicas.

A concepção religiosa do povo é, ao mesmo tempo, motor e empecilho de libertação. Enquanto empecilho, necessita ser libertada. E os bloqueios libertadores produzidos pela religião devem ser desimpedidos por uma análise crítica que ultrapassa a consciência possível da própria religiosidade popular. Necessita de uma intervenção teológica de fora. Essa é a função da Teologia acadêmica. Mas, também essa Teologia está marcada por elementos ideológicos dominantes que impedem o processo libertador. E dificilmente sem um contacto com a experiência religiosa popular o teólogo consegue ultrapassar tal consciência de dominação. Esse confronto teológico alarga o campo de possibildade quer da consciência popular quer da consciência do aluno de Teologia.

Assim criamos realmente novos conceitos teológicos, novas interpretações da Escritura, que de um lado correspondam a nossos estudos teológicos, doutro são provocados pelo contacto pastoral. O positivo da concepção popular obriga-nos a ampliar nossa visão teológica. A nossa visão teológica, por sua vez, ajuda a ampliar, a corrigir equívocos teológicos do povo. Este duplo movimento é o específico dessa tarefa teologizante a partir da pastoral. Isso não só vale de conceitos estritamente teológicos sistemáticos, mas também da interpretação da Escritura, da revalorização de ritos litúrgicos, da recompreensão de problemas morais, etc...

No final desse momento devemos ter novas reformulações teológicas dos conceitos que havíamos sistematizado no momento anterior. Elas devem corresponder a um enriquecimento quer de nossa própria visão teológica, como da percepção religiosa popular.

O quarto momento serve para verificar, testar com o povo o trabalho teológico feito. Consiste em devolver às pessoas com quem trabalhamos pastoralmente esse produto teológico, isto é, os novos conceitos teológicos, as novas interpretações da Escritura, as novas compreensões de ritos litúrgicos, que fizemos no momento anterior. Reinicia-se de novo o círculo hermenêutico, caso quiséssemos prosseguir no trabalho. Essa nova formulação teológica exercerá sobre o povo a função catequética de corrigir-lhe as deficiências de intelecção, de ampliar-lhe o horizonte de conhecimentos. Por sua vez, o povo exercerá nova função crítica sobre tal conceito, permitindo assim o prosseguimento do processo hermenêutico.

Talvez nos limites dos poucos anos, que o aluno passa na Faculdade, esta quarta etapa apenas se faça possível. E ainda se torna mais difícil continuar o processo hermenêutico, já que provavelmente não haverá mais tempo para perceber o feedback popular à devolução ao povo das elaborações teológicas do terceiro momento.

Conclusão

Esse processo é pensado ser orientado pelo diretor de estudos e pelo orientador de curso. Mas ele pode ter seu impacto sobre os diversos cursos de teologia, se os alunos levarem até às aulas das respectivas matérias os temas elaborados por eles. As suas reflexões teológico-pastorais podem transformar-se em questões aos professores. Obrigá-los-ão a pensar em problemas que até então se lhes escapavam. Dessa maneira a integração entre Pastoral e Teologia se faz também por parte do professor de cada disciplina.

A nossa experiência ainda não tem chegado a esse grau. Pois estamos com poucos anos de prática. Mas o objetivo da integração deverá alcançar também todo o conjunto do ensino de todas as matérias. Assim quanto mais a perspectiva pastoral informar o ensino da Teologia, tanto mais fácil se fará a reflexão por parte dos alunos. E quanto melhor for esta reflexão, tanto mais ela redundará em feedback para os cursos.

ANEXO

EXEMPLOS DE RELATÓRIOS DE PASTORAL

Completando a reflexão metodológica do artigo apresentamos alguns exemplos concretos de como tal articulação foi praticamente feita.

Seguem-se dois tipos de relatórios. Um primeiro relatório — "Adoração da cruz na Sexta-Feira Santa" — trabalha com o modelo de análise estrutural, correspondente ao método pré-teológico de análise, que os alunos dos primeiros semestres de Teologia devem usar.

Os outros dois relatórios — "O Sacramento da Crisma visto pelos jovens" e "A concepção popular de pecado" — procuram seguir o método teológico. Assim o relatório sobre o sacramento da crisma segue os

passos indicados pelo método teológico da seguinte maneira. O primeiro momento de simples anotação das observações não aparece no trabalho escrito, ainda que foi feito e discutido com o orientador de estudos. O "ver e ouvir" do relatório corresponde ao segundo momento da passagem ao conceito, sistematizando e classificando as respostas dos crismandos em seis itens. Mas nessa sistematização, os autores retomam expressões populares, sem nenhuma elaboração teórica especial. O terceiro momento é trabalhado de modo bem explícito no parágrafo dedicado ao "julgar teológico-crítico", tentando reter as positividades e negar as negatividades da compreensão de crisma dos crismandos. E no parágrafo "agir" os autores mostram também como eles modificaram certas posições suas a respeito da catequese da crisma. Assim realmente trabalharam o círculo hermenêutico, produzindo no final uma compreensão diferente da inicial, tanto dos jovens, como deles mesmos.

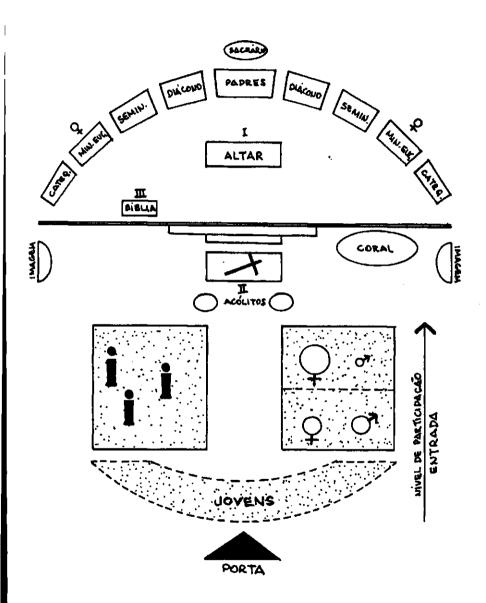
O relatório sobre a concepção de pecado também segue o mesmo método. Na primeira parte, o autor elabora com suas palavras o conceito (segundo momento) mas indica em baixo os elementos que colhera do contacto com o povo (primeiro momento). O terceiro momento é só trabalhado a partir de um lado do círculo hermenêutico, a saber, uma análise por parte do aluno das positividades e negatividades do conceito popular, sem ele mesmo traduzir o que modificou na sua própria teologia. Falta também o momento da devolução, e por conseguinte, o feedback do povo a respeito de sua elaboração teórica. Essa dificuldade permanece devido à falta de tempo entre o fim da elaboração do relatório e o término da experiência pastoral do aluno.

Estes são exemplos, tomados aleatoriamente entre tantos outros relatórios, com todos os limites de um 'exercício escolar" sem nenhuma pretensão de apresentar rigidamente modelos de análise ou reflexão teológica. Visam a mostrar praticamente como é possível aos alunos realizar esse tipo de articulação entre Teologia e pastoral. Perspectiva Teológica já publicou na seção "Notas e comentários" o trabalho de um aluno, atualmente na pós-graduação: José Otacílio LEITE, "A salvação dos mortos. Observações sobre os cuidados com a alma e o corpo dos falecidos na devoção popular", Persp. Teol. 19 (1987) 89-96. O trabalho serve como exemplo da aplicação do método teológico.

ADORAÇÃO DA CRUZ NA SEXTA-FEIRA SANTA

Williams Costa Cantanhêde (19 semestre de Teologia — 1987).

A partir de orientações recebidas do coordenador de pastoral, elaborei essa análise de cunho estrutural da cerimônia da Adoração da Cruz na Sexta-Feira Santa



de uma paróquia urbana de periferia.

Trata-se de uma primeira abordagem em vista da redação do relatório final. Portanto, esse texto reflete as primeiras observações críticas que pude fazer de uma cerimônia religiosa no início desse primeiro semestre de Teologia. São observações simples, preliminares, para introduzir-me numa visão mais crítica da realidade pastoral e religiosa da paróquia.

A partir do desenho anexo, podem-se elencar os seguintes elementos em questão no desenrolar do ato litúrgico: padres, diáconos, seminaristas, ministros da eucaristia, catequistas, acólitos, assembléia, cruz, sacrário, altar, bíblia, coral, imagens.

Seguindo-se o desenho, pode-se percorrer os elementos antes determinados, analisando-lhes o significado:

- 1. A *cruz*, no centro, é símbolo de fé cristã. Fala de sofrimento e morte. Sua posição (institucionalizada) articula-se com os outros elementos de maneira a reforçar e legitimar a estrutura aí presente.
- 2. Como se apresenta tal estrutura? Sob vários enfoques pode-se desenvolver a análise:
- 2.1 Inicialmente se pode observar a presença de dois níveis, tendo como referência os degraus: no nível superior estão presentes as *unidades hierárquicas* (padres, diáconos e seminaristas) e aqueles mais próximos pelos serviços que desempenham: as ministras de eucaristia e as catequistas. Já no nível inferior encontram-se aqueles que recebem o produto do trabalho dos primeiros: o *povo* que constitui a assembléia. A relação entre ambos não é a de luta de classe, mas religiosamente hierarquizada. É importante destacar a presença feminina no primeiro nível, fato possível só posteriormente ao Concílio Vaticano II.
- 2.2 Fixando-nos apenas no nível superior, nota-se, na disposição dos elementos, uma estrutura machista: os três primeiros mais centrais e próximos ao altar são homens; as mulheres se encontram distanciadas da parte central. Talvez reforce esta visão o fato de na liturgia católica ser a eucaristia "produzida" por homens (padres), cabendo às mulheres apenas a tarefa de distribuí-la (ministros da eucaristia).
- 2.3 Uma visão de Igreja que a identifica com a hierarquia é aqui flagrada. Percebe-se claramente que os atores se encontram numa ordem de importância dentro da celebração. Esta pode acontecer na ausência de qualquer um deles, exceto dos padres. Neste sentido, estes são primários e aqueles, secundários. Portanto, permanece a Igreja enquanto permanecer a figura do sacerdote.
- 3. Imaginando-se uma linha que passe no centro do desenho na direção vertical, podem-se concatenar outros aspectos neste tipo de análise:
- 3.1 A presença destacada do sacrário, ao centro no alto, mostra um modelo de Igreja que acentua mais o aspecto sacramental da celebração, deixando em segundo plano o caráter comunitário. Cada pessoa está individualmente ligada a ele pela dimensão religiosa. Hoje se procura revitalizar a relação comunitária através da maior participação da assembléia nas celebrações, construindo-se igrejas cuja

arquitetura reforce o aspecto comunitário, ou colocando o sacrário num lugar mais reservado. A ausência do sacrário (visivelmente) leva a uma maior sensibilidade por parte dos participantes para valorizarem a igreja como lugar da reunião do Povo de Deus.

- 3.2 Ainda mais. Detecta-se certa ordem de importância dada, em primeiro lugar, ao sacrário e altar (sacramentos). Isto nos diz que a Igreja Católica é Igreja dos sacramentos. Depois vem a cruz com a imagem do Crucificado, ficando de lado (não no meio como os elementos anteriores) a Bíblia. Esta, portanto, possui posição secundária em relação aos outros. Valorizam-se mais os sacramentos e a imagem do Crucificado do que a Palavra. Aqui aparece um elemento ecumênico, pois as Escrituras estão também presentes em outras Igrejas cristãs não católicas.
 - 4. No nível inferior observe-se o seguinte:
- 4.1. A figura denuncia um predomínio de *mulheres* nos primeiros bancos. O que isto nos revela? Entre outras explicações, pode-se afirmar que existe o desejo da mulher de colocar-se próxima do altar (lugar do sacrifício eucarístico). Contudo tal posição não resulta do simples querer, mas da determinação institucional. Talvez haja aqui também um reflexo de nossa sociedade, cuja mentalidade relaciona a mulher mais com o ambiente de casa e o homem com o da rua. Segundo esta teoria, ela se identificaria mais com a "casa" de Deus do que os homens.
- 4.2 Um dado é de fundamental importância: a posição dos jovens no desenho. Eles estão bem atrás na assembléia. São os mais distantes do altar. Isto representa que no nível de participação (aproximação) são os últimos, mas na ordem de saída (afastamento) os primeiros. É uma Igreja onde a grande maioria jovem está à margem, próxima de desligar-se dela. Pois quando os jovens têm interesse por algo não encontram dificuldade para disputarem os melhores lugares com os adultos (p.ex.: shows ou futebol). Reflete uma Igreja em decadência, pois nas suas veias não corre o sangue jovem.
 - 4.3 Finalmente atenda-se a três elementos:
- 4.3.1 As *imagens* presentes ajudam a sustentar o ato, sem, no entanto, participarem diretamente dele. São muletas que apoiam a cena.
 - 4.3.2 O coral diagnostica uma Igreja que valoriza a arte.
- 4.3.3 Os acólitos guardam o Crucificado (contra quem?), garantindo a ordem o progresso da celebração.

O SACRAMENTO DA CRISMA VISTO PELOS JOVENS Paróquia de Jesus Ressuscitado — Bairro Lindéia — Belo Horizonte

José de Anchieta Lima Costa S.J. (39 ano de Teologia — 1985) Jesús M. Zaglul S.J. (29 ano de Teologia — 1985)

1. Esboço da atividade pastoral

- 1) Coordenação geral e acompanhamento dos grupos de preparação para o sacramento da crisma na paróquia. Coordenação direta de um dos grupos para revisar na prática o alcance dos encontros e dos temas e dinâmicas pensados; a sua ressonância ou dissonância na situação concreta dos jovens.
- 2) Metodologia de trabalho: 11 grupos, com uma média de 15 crismandos cada um. A idade oscila entre 15 e 22 anos. Cada grupo é animado por um ou dois coordenadores. Um encontro semanal por grupos (2 horas de duração). Dois "encontrões" de todos os grupos juntos e um dia de retiro no fim da caminhada (agrupando 4 turmas em cada local). Duração da caminhada: de 6 a 7 meses, começando ao redor da data de Pentecostes.
- Encontro com os coordenadores de grupo de 15 em 15 dias para juntos discutir os temas dos encontros do mês, para revisar e planejar a caminhada. Os temas eram previamente preparados por uma equipe de formação constituída por 5 pessoas.

2. Reflexão teológica

a) Ver e ouvir

Por ocasião da inscrição dos crismandos, fizemos uma entrevista pessoal onde cada candidato preenchia uma ficha que nos permitia obter alguns dados quanto a sua procedência e condições sócio-culturais. No fim da ficha encontrava-se um espaço para o candidato responder a pergunta: Por que quero ser crismado? É sobre as respostas a esta pergunta de uns 170 inscritos (no total foram 274 as inscrições) que se apoia fundamentalmente nossa revisão e reflexões.

Gostaríamos de esclarecer que nosso trabalho não tem a pretensão de ser uma pesquisa sociológica. Nosso interesse não está em querer atingir o mais objetivamente possível o sujeito a ser crismado e sua concepção sacramental precisa. Os instrumentos empregados não nos permitem chegar a tanto. Nossa pretensão é bem mais modesta. Além disso ela tem também outras perspectivas. Tentaremos elaborar a partir das respostas que nos foram apresentadas, a fenomenologia do mundo de concepções sacramentais dos crismandos. Classificando metodologicamente estas respostas mostraremos a riqueza e diversidade dos elementos que intervêm na percepção sacramental da crisma do jovem da paróquia.

Metodologicamente começamos classificando as respostas em 6 itens: teo-escatológico, cristológico, eclesiológico, diacônico, benéfico, instrução religiosa. É claro que esta classificação não esgota nem responde em sua globalidade à própria percepção do crismando (mais sintética que analítica). Sabemos que contamos com uma quantidade de elementos que não se manifestam nas respostas. Primeiramente porque estas ficam muito no nível do acadêmico-escrito (ao menos na mentalidade do jovem, que responde tentando atingir uma resposta "certa").

Depois porque a "vida" e experiência mais relacional do crismando fica também bastante de fora. No entanto, é inegável que as respostas oferecem suficientes pontos de análise. É sobre eles que trabalharemos. Tentaremos entender um pouco mais este mundo religioso que se encontra escondido por trás de tantas vidas, marcadas por uma catequese secular da Igreja na sua ação evangelizadora.

- 1) Perspectiva teo-escatológica: O sacramento da crisma é a re-afirmação, con-firmação e a vivência em comunhão com Deus. É uma necessidade de aproximar-se mais de Deus, de estar mais perto do Pai e seguir o caminho do Senhor. Através deste sacramento entra-se em contato com a religião, encontra-se o perdão dos pecados e confirma-se a bênção de Deus que é recebida no interior de cada pessoa e para sempre. O sacramento proporciona saúde, vivência e participação mais fácil na comunidade, com Deus, sua lei e a Igreja. Aumenta-se a fé, renova-se interiormente e, ficando em dia com Deus, pode-se ficar em paz consigo mesmo.
- 2) Perspectiva eclesiológica: Querer ser crismado(a) é querer ser cristão cumpridor do seu dever-obrigação. A crisma é algo importante para o católico: cumprese com uma tarefa-norma-mandamento importante da Igreja após o batismo e a primeira comunhão que todo jovem deve fazer. A crisma é renovação, reconciliação, comprovação, continuação, confirmação e assunção do batismo. Não ser crismado é a mesma coisa que não ser batizado. Com a crisma entra-se na Igreja de cabeça erguida, reafirma-se o compromisso com ela, completa-se a vida em comunidade participando melhor das coisas, encontrando-se na religião. Acaba-se conhecendo mais a doutrina católica, discutem-se os seus fatos errados e criam-se novas idéias com respeito à religião, à Igreja e Deus.
- 3) Perspectiva cristológica: Realiza-se o sacramento da crisma, porque Jesus o instituiu, nos deu este ensinamento e ele mesmo foi crismado. Por este sacramento se vê o amor de Cristo e se participa mais de sua vida, aumenta a fé e se conhece melhor a pessoa de Jesus. É outra forma de tê-lo no coração e por inteiro, não pela metade. Ajuda a crescer e compartilhar com Cristo, tendo mais amor para com ele, como também ajuda a fazer mais parte da caminhada da qual ele foi o pioneiro.
- 4) Perspectiva benéfica: O sacramento da crisma proporciona novas e boas relações de amizade que levam a pessoa a ser amada e a amar, complementando a vida e o entrosamento na comunidade. Na crisma completa-se a vida espiritual, recebe-se o amor e a força do Espírito Santo, acredita-se mais em Deus preparando para uma vida futura de muito sofrimento. Pela crisma pode-se ter um padrinho ou madrinha, como também realiza-se uma carreira brilhante. É necessário para o casamento, prepara para receber todos os benefícios da religião, ajuda a resolver alguns problemas. É a melhor coisa da vida. É algo bom e bonito. A pessoa se sente melhor, conhece melhor a si mesmo e fica em paz com a própria vida, dando-lhe sentido. É importante para os jovens, para ter um coração humilde com as pessoas. A crisma é vida nova. Crisma-se porque a religião é bonita, para experimentar se é bom ou ruim.

5) Perspectiva diacônica: Pretende-se, freqüentando a preparação para a Crisma, participar dos grupos de jovens; participar dos grupos de evangelho; ajudar a quem precisa; construir um mundo melhor, novo, sem violência, guerra e fome; trazer os marginalizados para as igrejas, ajudando-lhes a ter mais fé em Cristo; espalhar pelo mundo a Palavra de Deus; união de todos no mesmo ideal; escolher o caminho da fé; ajudar na catequese; encontrar amigos, pessoas sinceras e humanas para o mundo viver em paz; caminhar juntos.

"Porque amo a Deus e aos irmãos; é necessário para a vida do cristão; renova a gente e é como servir a Deus".

6) Perspectiva instrucional ou cognoscitiva: A preparação para a crisma possibilita conhecer, entender, aprender, esclarecer, aprofundar, saber melhor sobre a Bíblia, seus ensinamentos e colocá-los em prática; a religião; o religioso; Jesus Cristo e sua vida; a vida espiritual; o pensamento sobre a realidade; a comunidade; Deus; a Igreja; o que está fazendo; muita coisa; coisas novas.

b) Julgar teológico-crítico

Destacaremos aqui os elementos que aparecem com mais insistência, assim como as ausências mais notáveis; também os pontos que merecem ser promovidos, e os que segundo nosso parecer deveriam ser superados.

Elementos que mais aparecem:

- Relação com o Sagrado (Ter Deus do nosso lado. Sentir pela primeira vez e depois sempre o corpo material de Cristo. Estar mais presente a Deus. Para não falar que sou filho do Diabo. Conseguir crismar sem medo...)
- Relação com a Religião (Ser mais religioso. Afirmar a Religião. Pôr-me em contato com a religião. (Escolher conscientiemente uma religião e seguí-la. Receber todos os benefícios da religião. A Religião é bonita...)
- Visão institucional e normativo-doutrinal (Jesus deu este ensinamento. Cumprir com os sacramentos instituídos. Ser fiel às normas e mandamentos da Igreja. Participar de todos os fundamentos da lei de Deus. Estar em dia com Deus e a Igreja. Dever-obrigação dos Cristãos...)
- Elemento afetivo-subjetivo (Ter Jesus dentro de mim, em nosso coração. Fazer o que eu quero; espero no que eu faço. É hábito participar da comunidade. Eu quero, tenho vontade. Será uma coisa que realmente eu vou fazer. Para sentir-se melhor; realizado consigo mesmo. Experimentar se é bom ou ruim. Preciso de algo bom, levar alguma coisa a sério...)
- Dimensão relacional: com Deus (Ter mais amor a Cristo; viver em comunhão com Deus. Poder ver o Amor de Cristo...), com os outros (Ter boa relação de amizade. Conhecer novas pessoas. Encontrar alguém que me ame e me dê valor. Que todos vivam unidos. Meus colegas já crismaram...), com a Comunidade (Conviver mais com a comunidade. Participar mais da vida da comunidade. Entrosar mais na comunidade participar em grupos...).

Elementos que não aparecem ou que são pouco evidenciados:

- Não se explicita a ação primeira gratuita de Deus (Pai/Filho/Espírito Santo) que move, chama, envia e sustenta o cristão na sua caminhada. A vivência-experiência do sacramento como graça.
- O rosto e os traços pessoais de Deus. A fé como seguimento histórico da pessoa de Jesus, do Deus que se revela na vida do homem.
 - A ação comunitária transformadora a ser celebrada no sacramento.
- Incidências sociais do sacramento. Consciência crítica face à realidade em que se vive.

Elementos a ressaltar:

- O sentido e a importância de Deus em si mesmo para a pessoa em particular. A transcendência como lugar de encontro. A afirmação do Absoluto de Deus.
 - O caráter salvífico da presença atuante de Deus (paz, perdão).
 - A Religião como norma orientadora da vida.
- A experiência de Jesus-Deus que atinge a pessoa na sua globalidade (ao ponto de "poder ver" o seu amor 1Jo 1,1 —).
- Desejo de se inteirar das coisas da Igreja e do que lhe diz respeito. A exigência explícita de um compromisso pessoal com a Igreja-Comunidade intrinsecamente ligado ao sacramento.
 - A relação intrínseça batismo-crisma.
- O sentido benéfico do sacramento, que atinge todas as dimensões da vida (incluída a estética).
 - A relação sacramento-compromisso em seus diversos aspectos.
 - Certa consciência da relação teoria-prática.

Elementos a serem superados:

- As ausências e os pontos pouco evidenciados destacados mais acima.
- Tendência a um certo individualismo-intimismo na relação com Deus.
 Benefícios procurados ligados a uma prática religiosa individualista.
 - A dimensão impessoal de Deus; que fica diluído no Sagrado, na Religião.
 - Visão quantitativa-utilitária da relação com Deus.
- Tendência a uma cristologia do Jesus "modelo" (no sentido de imitação a-histórica e não tanto de seguimento).
- Peso exagerado do institucional, normativo, doutrinal, na concepção da fé e do compromisso cristão.
- Certa visão mágica do sacramento. Sacramentalização do gesto simbólico mais do que da vida expressada nele.
- Certa identificação entre Crisma e Batismo. Fica diluído o sentido de missão e do envio pelo Espírito Santo que acentua particularmente a confirmação.
 - Visão complementar-fragmentada dos sacramentos da Igreja, destituídos

de uma ação que engloba toda a vida da pessoa e sua participação eclesial.

Certa generalidade no que se pretende aprender ou conhecer.

c) Agir. Dialética reformulação-devolução do universo conceitual-teológico do crismando

Nos compromissos propostos pelos crismandos no fim da caminhada constatamos, apesar do maior destaque da dimensão relacional, que o universo sacramental teológico do crismando permaneceu fundamentalmente constante, pelo menos na sua formulação teórica escrita, ainda depois de completada a preparação. A conclusão semelhante chegamos ao considerar as respostas dos próprios crismandos à mesma pergunta do início "Por que eu quero ser crismado", feita agora em alguns grupos antes da celebração da crisma, como "controle" de uma possível evolução. Novamente, só o sentido comunitário e a consciência do compromisso-missão tiveram um destaque maior que na formulação inicial.

Avaliando posteriormente com os coordenadores estes resultados, percebemos a importância de descer mais ao nível vivencial dos crismandos, ao seu ambiente vital e preocupações. Também achamos importante partir nas reuniões das próprias compreensões e formulações teológicas dos crismandos questionando-as a partir do Deus que se revelou em Jesus de Nazaré. Com respeito à dinâmica da reunião achamos importante continuar insistindo na parte celebrativa: Nas orações, símbolos e gestos como lugares fundamentais para a partilha da vida e da experiência de fé. Na avaliação do ano anterior percebemos como estes momentos tinham marcado a percepção e memória — mais sensitivo-afetiva — dos nossos crismandos. O contrârio tinha acontecido com a parte mais acadêmico-formal.

O nosso programa também foi reformulado em sua primeira e terceira partes. No início acrescentamos um encontro sobre o projeto criador de Deus, acentuando a gratuidade criadora. Também introduzimos outro sobre o mal no mundo (as estruturas de pecado e nossa responsabilidade). O terceiro acréscimo foi o tema "a minha vida", com intenção de favorecer a consciência crítica pessoal, questionando nosso objetivo e ideal de vida (se é que se tem) e como nos arrasta o sistema social.

Achamos por bem reduzir os encontros sobre o AT, que eram tidos como mais teóricos e difíceis pelos crismandos (sentiam que podiam participar menos pela falta de informação-formação anterior). Para não perder a dimensão histórica da revelação, distribuímos e estudamos um subsídio sobre a caminhada do povo de Israel. Recolhemos a maior parte destes encontros numa celebração sobre a caminhada-aliança do povo do AT para perceber como a presença do Deus Libertador era reconhecida e festejada e como na Bíblia se recolhe a memória desta vida e celebrações.

Continuamos com um número destacado de encontros sobre *Jesus*, tentando enfatizar a dimensão de amor gratuito e extremo de Deus que se faz carne e toma rosto neste camponês, carpinteiro, pobre. Destacamos, além dos rasgos históricos

da pessoa de Jesus, a dimensão reveladora de toda sua vida-morte-ressurreição. É nesta vida concreta que reconhecemos o Deus verdadeiro e seu projeto de fazer um mundo novo (o Reino) que começa aqui (dimensões econômicas, sociais, políticas). A partir de Jesus, o "ser cristão" não se define mais pelo cumprimento de umas normas-leis-doutrina, mas por seu seguimento histórico; ele nos guia e anima pelo Espírito Santo a continuar sua missão, agora como novo Povo de Deus (Igreja-Comunidade) no mundo.

Finalmente, decidimos dedicar um encontro para cada sacramento em particular com a intenção de atingir a vida celebrativa da fé (presente e futura) do crismando. A partir deles destacamos a vida nova e práxis no Espírito que são reconhecidos e celebrados, como comunidade de fé. Tentamos superar a partir desta vida e lutas reconhecidas como ação gratuita do Deus trino, os elementos mágicos que permanecem no universo teológico do crismando. Sem diminuir a força evocativa do gesto simbólico (pelo contrário tentando reavivá-la desde suas raízes) marcamos com insistência a importância de reconhecer o "sagrado" na vida celebrada (presença de Deus na história) mais que na materialidade "separada" do gesto. Destacamos aqui finalmente a importância da acolhida na fé.

3. Perspectivas e desafios futuros

Apesar de que a análise do nosso trabalho é fundamentalmente teórica (também o material que foi empregado), não queremos concluir sem mencionar uma série de constatações, questionamentos e desafios mais relacionados à prática pastoral:

- Desafio pedagógico: Grande parte dos nossos jovens carecem de um mínimo de disciplina acadêmica. A sua estrutura de retenção está mais ligada ao elemento afetivo-simbólico-prático. Por outra parte achamos importante atingir os conceitos teológicos de formulação da fé do próprio crismando. Como então ajudar ao aprofundamento-purificação destes conceitos atingindo a formulação explícita do crismando? Este questionamento tem nos levado a insistir progressivamente mais na dimensão acadêmica (sem tirar o peso fundamentalmente vivencial da preparação). Uma das soluções encontradas foi pedir para os crismandos fazer por escrito, nos últimos 5 minutos do encontro, um resumo dos pontos principais tratados. Ajudou também escolher em cada reunião um símbolo que resuma a idéia central. A busca obrigou-nos a simplificar o conteúdo dos encontros e a desenvolver mais as dinâmicas.
- Desafio prático-transformador: Aqui descobrimos nosso ponto mais fraco. Falta pensar e desenvolver mais ações transformadoras concretas por parte dos grupos. Já crescemos bastante este ano promovendo o entrosamento interno das turmas (passeios, festinhas, visitas...). De igual maneira nos parece essencial e urgente procurar espaços futuros e presentes de engajamento para os crismandos. Eis o desafio da pastoral de juventude da paróquia e da sua necessária articulação com a preparação para a crisma. Julgamos importante que este engajamento do crismando

não fique para depois da celebração do sacramento; que ele possa colocar já nos encontros as suas experiências (desânimos, alegrias, conquistas, dificuldades) de engaiamento na comunidade e na sociedade.

A CONCEPÇÃO POPULAR DE PECADO

Afonso Tadeu Murad F.M.S. (39 ano de Teologia — 1985)

1. A visão predominante de pecado no universo religioso popular

a) Conceito de pecado

O pecado é entendido principalmente como um ato culposo diante de Deus Pai e que pode atrair a ira divina. Os pecados são identificados a partir da dupla vertente: transgressão dos mandamentos de Deus, da Igreja, do senso comum e seu correspondente sentimento culpável a nível da consciência.

"Sinto uma coisa por dentro que está errada".

"Pecado é não agradar a Deus e aos irmãos... tudo que vai contra as boas maneiras".
"Tudo o que eu faço e acho que é errado, é pecado".

"Onde eu vou eu sinto uma dor no coração, um troço que aperta o coração"...

"... é um erro que a gente comete consciente"...

"... Eu fico com uma vergonha de mim... Penso que todo mundo tá sabendo o que eu fiz"...

Veja-se, por exemplo, uma lista de pecados elaborada por um grupo de jovens de classe popular:

"Xingar, dizer palavrão, brigar, matar,...

Orgulho, responder pai e mãe, brigar com os irmãos, magoar os pais, falar mal dos outros, desejar a mulher do próximo, inveja e preguiça, prostituição, aborto, pensamento impuro (pensar besteiras), desejar mal a alguém, pecar contra a castidade, masturbação, roubar, querer ser rico,..."

Assim os pecados são cercados por uma certa casuística popular. Ouve-se freqüentemente a pergunta: "isso é pecado?"

"O problema é que o pessoal lá de casa fica dando de cima, dizendo: é pecado... é pecado... A mãe diz: não faz assim que é pecado".

"E a gente vai botando na cabeça... O pai fala: vai na missa, dorme cedo, come da comida senão Deus vai castigar. É pecado, viu?"

"A gente falar que não tem pecado é pecado?"

"É pecado chegar atrasado na missa?"

"É pecado desejar o homem da próxima?"

Ao hierarquizar uma lista de pecados, um grupo de catequistas jovens chegou à seguinte conclusão:

Os pecados são:

1 - Humilhar ("achar que é maior que os outros");

- 2 Desrespeitar pai e mãe (..."não tem perdão bater na mãe");
- 3 Matar
- 4 Prostituição (que se confunde com relação sexual pré-matrimonial);
- 5 Desrespeitar Deus.

Se este mesmo trabalho fosse feito com adultos, chegar-se-ia a conclusão diferente, pois a relação entre a "lista de pecados" aprendida e normas sociais resulta numa configuração própria para cada faixa etária.

O pecado também é entendido no universo religioso popular como "transgressão à natureza", cuja ordenação é fruto da vontade divina:

"Quem mata urubu não tem perdão... fez um grande pecado... urubu é bicho abençoado. Meus avós dizia que Jesus é que pôs eles no mundo pra limpar a sujeira" — (Glória — 40 anos).

"Lá na Gameleira (exposição agro-pecuária) tem um bezerro nascido com duas cabeças. É pecado deixar ele vivo? Não é contra a natureza?" — (Sinésio — 19 anos).

Esta transgressão aos mandamentos de Deus, às normas de convivência estabelecidas pelo senso comum, ou à natureza pode ter como conseqüência imediata uma vida infeliz.

- ..."O pecado atraí a desgraça..."
- ..."Lá (na favela) tem um homem que tá doente e abandonado... É porque ele bateu demais na mãe e hoje ninguém mais cuida dela."

Seria preciso investigar se este discurso corrente do "castigo de Deus" é tão trágico e automático como salta à primeira vista, ou tem mais um caráter persuasivo, de estímulo à não pecar.

O último(?) elemento significativo para a compreensão da noção de pecado na mente do povo é a noção do "mal", entendida como uma situação difusa contrária a Deus, um âmbito sob influência dos espíritos e demônios. Os espíritos do mal estão sempre atormentando as pessoas, "tentando-as" contra Deus, querendo leválas à perdição. Por isto neste contexto a bênção é avidamente buscada. A força do pecado e do mal é muito grande. Diante dela os homens se sentem fracos. O povo sente uma situação de dupla impotência;

- Porque as forças do mai são muito grandes (e elas aparecem na doença, nas desgraças, nas mortes inesperadas, como também na incapacidade de "não fazer pecados"). "Não adianta nada. Eu peço perdão a Deus mas volto a pecar de novo".
- Porque os 10 Mandamentos e outras leis ideais são difíceis de serem vividas: "Tem um tanto de coisa que é pecado, que a Igreja proíbe, mas a gente não dá conta..."

Na maioria das pessoas o pecado é circunscrito no âmbito individual não subjetivo. Sou eu que cometo pecados, mas o pecado é fundamentalmente ofensa a Deus, transgredindo suas leis objetivas que se mediatizam em diversas normas ao ceder à tentação que me arrasta para o mal. O pecado está dentro da pessoa, mas não é fruto de sua história, de suas opções passadas, do contexto que a envolve. O objetivismo da concepção do pecado é patente diante de tantas perguntas. "Isso é pecado?" (Não se pergunta: Isso é pecado para mim, agora?)

No entanto já se percebe no meio dos jovens de classe popular a entrada de categorias subjetivas.

"Se a prostituta admite que está errada, já não peca mais... Só é pecado se não for por sobrevivência, mas por prazer..."

"O aborto não é aceito na Igreja... Mas a gente não vê o motivo que a pessoa fez". (Cida — 17 enos, auxiliar de escritório).

"Tudo o que eu faço e acho que é errado, que eu não sinto bem comigo, é pecado". Mais raro também é ler o pecado com categorias sociais:

"É pecado o patrão que explora o empregado e não dá o direito dele..."

"Ter tanta force assim não é pecado? Ora se não é!"

b) Pecado e sacramentos

Profundamente vinculados à questão do pecado situam-se os sacramentos da penitência e da eucaristia.

Há no catolicismo uma longa tradição penitencial, que é maior que o sacramento da penitência: sacrifícios, peregrinações, jejum quaresmal, e diversas manifestações na semana santa. O certo é que o católico sente o pecado como um "peso" que necessita ser aliviado:

"Pecado é um peso... uma carga que vai botando na gente e não consegue segurar. Tem que correr para a Igreja, rezar, e pedir perdão".

"E tem uns pecados que a gente sente mais carregado".

Os pecados vão "sujando a gente". O sacramento da "confissão" é o "grande recurso para limpar dos pecados". Fica, no entanto, uma questão em aberto: Se o medo do pecado é tão grande, se a confissão é tida como o melhor meio de "retirar" os pecados, em que situação vive a grande parte do povo privado do acesso ao sacramento?

"Eu trabalho até tarde. Chego em casa pelas 8 horas. Nessa hora não tem padre para atender confissão".

Poder-se-ia pensar quão funesta tem sido a medida de reduzir gradativamente as "confissões comunitárias", devido às últimas orientações do Magistério. Talvez se tenha cerceado um grande instrumento a serviço deste povo que concretamente não tem acesso à prática sacramental individual. Ou será que o povo tem recorrido à outras práticas penitenciais?

No que diz respeito à "comunhão" (eucaristia), as constatações chegam a ser surpreendentes: muita gente não recebe a eucaristia por sentir que está em pecado ou que pode ter a possibilidade de estar em tal condição. No meio dos jovens há motivos irrisórios:

"Tem um tempão que eu não comungo".

"Eu não comungo muitas vezes com medo de estar em pecado".

"As vezes eu não comungo porque fico muito tempo sem confessar".

"Eu fiquei com esse negócio na cabeça: Eu dormi muito tarde, então não pude comungar... Eu quando chego atrasado na missa ou não presto atenção direito (distração) eu também não comungo, fico com medo".

"Tem vez que eu fico com medo de ter pecado e não saber, e Deus ficar com raiva

de mim. Então eu não comungo".

Acrescentem-se a estes motivos (!) certo reforço de natureza mítica:

"Vem na mente da gente: Se a gente tiver pecado, quando a hóstia entrar na boca, ela cai... O povo antigo que fala essas coisas. Minha vó falava, minha mãe também fala". (Ángela, catequista, 17 anos, doméstica, coordenadora de um grupo de jovens).

"Teve um caso que a Sônia contou pra mim que foi acontecido mesmo, lá na Cabana... Teve uma mulher tão pecadora, mais tão pecadora; que quando o padre botou a hóstia na mão dela, a hóstia subiu, subiu, e caiu no chão como carne viva"...

"Aconteceu muitas vezes... eu ia, e saia da fila de comunhão com medo de ter pecado e a hóstia cair no chão. Eu ia ficar com uma vergonha!... e não ter onde enfiar a cara"... (Dôra — 19 anos, doméstica, coordenadora das catequistas).

Esta preocupação de estar em pecado mesmo sem saber reflete uma visão objetivista e por vezes exterior do pecado, como uma realidade que arrebata o indivíduo, deixando-o à mercê da ira divina.

c) Pecado e salvação

A "Soteriologia Popular" artícula, ao seu modo, as duas dimensões da salvação: como realidade presente, que se abre ao futuro em promessa. Em primeiro lugar: Deus julga e salva nos acontecimentos presentes. As situações trágicas (enchentes, desastres, mortes), tanto em nível pessoal como social e cósmico são ações condenatórias de Deus. As situações e eventos benéficos (cura de doentes, reencontro de parentes, boa saúde, estabilidade no emprego, boa convivência no lar) são interpretados como intervenções salvadoras de Deus. O problema é perceber até que ponto o pecado (entendido como transgressão pessoal e também proliferação da desordem instaurada pelo mal) interfere na ação de Deus. Quanto maior a situação de pecado, maior será a atuação de Deus?

A segunda dimensão da salvação é a recompensa eterna, o céu. A salvação definitiva será no além. Acontece que há no meio do povo um grande medo "de ir para o inferno". "As pessoas tem muito medo de não ser salvo".

Muita gente se sente cheia de pecados, e portanto incapaz de "ser salva". Neste contexto, mostram-se extremamente sedutoras as propostas das seitas protestantes, que dão a certeza da salvação para os que nelas ingressam.

A atual pregação e prática da Igreja Católica ao ignorar quase completamente este dado favorece que tal estado de angústia se perpetue no seio das camadas populares.

d) Pecado e visão de Deus

Qual é a idéia de Deus que está por detrás da visão popular de pecado? À primeira vista diríamos: Um Deus Pai, extremamente severo e castigador. O povo confirma:

"Toda vez que eu peco, eu me senti como um menino que fez uma malineza...
Tem que consertar o que fez de errado, pois o Pai já tá chegando... que medo de

apanhar..." (Zé Roberto - 18 anos).

Mas esta imagem se articula dialeticamente com seu oposto: A providência divina. Deus é bom! A expressão da misericórdia de Deus é Maria, a "Nossa Senhora".

"E eu dizia pra ela: Pega com Deus. Pega com Deus que você vai conseguir enfrentar". (Dona Maria — mais ou menos 60 anos).

"Entonce eu me apego com Deus e Nossa Senhora". ("Seu" João Ventura).

"Eu toda vida fui muito devoto de Nossa Senhora Aparecida... conforme a graça que a gente quer alcançar, ela vem pertinho da gente".

A figura predominante do Deus Pai deixa um pequeno espaço para Jesus Cristo. Quase não se faz referência ao perdão que vem por Jesus. A força do Senhor milagreiro é maior que a de perdoar os pecados. Aqui também muitas seitas protestantes encontram seu ponto de inserção. Sua pregação penitencial centrada em "Jesus que perdoa e salva", soa como boa nova para muitos.

2. O esquema antropológico

Sustentando esta visão do pecado encontra-se uma concepção pré-científica e objetivista do mundo e das pessoas.

É o "primeiro momento", o "momento do objeto", na qual a "realidade humana não tem verdadeira consistência e valor por ela mesma" (J.B. Libânio). "O significado do agir humano se deduz de seu caráter relativo à transcendência".

A compreensão de pecado não escapa de certa "coisificação". As imagens, muitas de caráter mítico, transparecem nesta visão:

"Quando a gente peca, um lado da gente fica escuro". (Edilson -- 20 anos, desempregado).

"Coração de Deus é igual a cera. Se faço uma coisa ruim, fica marcado. Tem que arranjar um jeito de tirer a marca, senão fica marcado pro resto da vida". (Edmar — 21 anos, operário da Itambé).

3. A importância da mulher

Essa concepção do pecado, predominante nas classes populares, tem na mulher sua principal transmissora. É surpreendente escutar os jovens (e também os adultos) se referirem sempre "à mãe" ou "à "avó". Os casos são contados por elas, a repressão no âmbito religioso é feita por elas também. Não escutei nenhuma vez alguém se referindo ao pai ou ao avô quando falava sobre o pecado. Entende-se isso também porque a mulher (mãe) é a grande educadora das crianças no âmbito religioso.

4. Crítica

1. A idéia de pecado ao lado de tantas outras que constitui o Universo Religioso popular com a qual nos defrontamos, não é uma realidade homogênea nem compacta. Procuramos abstrair dela dados relevantes e tendências ainda predominantes. Sabemos que tal configuração é fruto de uma prática e teoria eclesial típica da sociedade brasileira tradicional. Num contexto de cristandade, numa estrutura agrária, culturalmente centrada na família polinuclear, o conjunto de dados que reunimos e sistematizamos mostrou-se eficiente e com lógica interna.

- 2. O problema é colocado no momento em que estas pessoas formadas com este esquema mental sofrem de um processo de desenraizamento social e cultural, ao qual é respondido com uma subreptícia resistência de caráter conservador. No caso dos jovens de classes populares o conflito é explícito. A visão religiosa que "ele recebeu na roça" já não responde a todas as questões levantadas pela vida numa periferia de cidade grande.
- 3. Apesar de ser questionado com a vida, o antigo sistema permanece, pois é o único sistematizado a nível popular. Carecemos de uma catequese que incorpore as categorias subjetivas e sociais no tratamento do tema "Pecado". Há apenas tímidas iniciativas.
- 4. Uma catequese e prática eclesial que pretende ser libertadora deve levar em conta os elementos presentes na mentalidade popular, afirmando a positividade e negando a negatividade da presente concepção. É o que tentaremos esboçar:

5. Valores da concepção popular de pecado

- 1. O pecado é visto como ofensa a Deus. O povo pobre tem um grande senso de Deus, um respeito, um certo temor (no sentido bíblico) de Deus. Deus é uma presença interpelante, transcendente. No entanto esta transcendência não é sinal de inacessibilidade total, pois se Deus é ofendido com o nosso pecado é porque há certa proximidade e relação conosco.
- 2. O pecado não é visto só como uma questão pessoal, intimista. A consciência de que o mal é maior que uma pessoa apenas (fechada no pequeno mundo de sua subjetividade) abre a possibilidade da tematização do "pecado do mundo" e do "pecado social".
- 3. Embora no nível do discurso predomine a tematização do pecado, na prática a vida das pessoas está repleta de recordações, de intervenções salvadoras de Deus, traduzidas mormente com a expressão "graça alcançada".
- 4. Diante de uma sociedade onde a *hybris* humana é exacerbada, principalmente nos meios intelectuais, a atitude humilde e acolhedora do povo, sentindo-se fraco, pecador, necessitado do perdão de Deus tem um forte valor profético e questionador.

6. Limites da concepção popular do pecado

1. O "calcanhar de Aquiles" talvez seja a culpabilidade. Do ponto de vista teológico, Ricoeur distingue: Culpabilidade trágica e culpabilidade bíblica. A primeira, muito comum nos povos de civilização pré-técnica, tende a colocar o homem à mercê da divindade, reconhecendo sua importência e simultaneamente buscando uma forma de agradar a mesma divindade. Diante da transgressão, o sentimento pre-

dominante é de remorso, lamento sobre a condição já perdida. A culpabilidade bíblica, ao contrário, nasce de um sentimento maior: o homem percebe que rompeu a aliança com Javé e seu povo, comprometendo a promessa. Não predomina o remorso, mas o arrependimento e a certeza de que Javé misericordioso já está ofertando seu perdão. O olhar é dirigido para o futuro. Ora, a culpabilidade nos extratos populares é muito mais trágica que bíblica

- 2. Passar a concepção popular do pecado pelo crivo da psicologia pode ser ousado, até irreverente, pois o povo articula ao seu modo elementos diversos mantendo um "estado de equilíbrio", embora por vezes delicado e tênue. Trataremos de mostrar os riscos que esta concepção traz em si, as "tendências desviantes".
- a) O medo e o sentimento de culpa: Rollo May distingue medo e angústia. Enquanto que o medo é causado pelo confronto do indivíduo com uma situação real que o coloca em perigo, a angústia é um sentimento difuso (e confuso!) de sentir-se em perigo sem que haja o objeto real ameaçador. Ora, qualquer orientador espiritual ou confessor já deve ter presenciado uma quantidade enorme de casos de pessoas angustiadas, com medo de Deus e de pecados que poderiam ter cometido. Basta reler também os depoimentos que aparecem na 1ª parte do trabalho. Acrescento outro, do jovem Edilson, 20 anos:

"Quando eu peco... ou acho que peco... eu fico com medo. É um medo que dá medo. É um medo diferente dos outros. Parece que tá fechando. Sinto que está magoando uma pessoa, mas não sei quem".

- O sentimento de culpa levado a extremos determina a formação de pessoas angustiadas, que "carregam sempre um peso" dentro de si.
- b) A visão de Deus Pai: A crítica psicanalítica reconhece imediatamente na relação de muitos cristãos com Deus a "projeção" da figura do pai. Este estabelece com o filho na expressão de Paul Ricoeur uma dupla relação: consolação e castigo. Consolação, porque o pai supre a insegurança do filho dependente, concedendo-lhe atenção e bens; castigo, porque diante da transgressão à sua vontade onipotente o pai ameaça cessar sua relação beneficiadora.

Quantas práticas religiosas estão marcadas por este tipo de relação?

c) O pecado e a sexualidade: A moral católica tradiconal moldou nas classes populares a idéia de que a sexualidade é antes de tudo algo ruim, pecaminoso.

"Quando eu morava na roça e era criança a gente dormia tudo junto e não tinha maldade. Aí então viemos para cá... E a mal/cia começou dentro de mim". (Raimundo, 23 anos, operário da construção civil).

"Eu acho que sempre estou em pecado, por que sempre fico pensando besteira e coisa ruím (devaneios sexuais)" (José Roberto, 18 anos).

Ver uma das pulsões básicas do ser humano como intrinsecamente ruim, considerar o sexo como algo que faz parte do âmbito da tentação e do pecado dá motivo suficiente para que se acuse a Igreja de ser a grande promotora da repressão sexual.

d) A mulher, a sexualidade do pecado: Já vimos que a mulher é a grande transmissora da moral religiosa, cujo eixo é o pecado. Mais do que emissora, a mulher é a primeira vítima desta concepção. Enquanto que socialmente o homem ideal

nas classes populares é aquele que tem muita potência sexual, agressividade e busca do prazer, a mulher ideal é aquela que tem muitos filhos e cuida do lar. O prazer sexual é desviado para a maternidade. A mulher pura e ideal é aquela que não foi manchada pelas relações sexuais, incontaminada pelo pecado. Neste contexto a Virgem Maria é o modelo exemplar de mulher: a que cuida do filho e não tem direito ao prazer.

"A moral da mulher é que nem pano branco. Depois que mancha, não tem jeito de consertar". (Auxiliadora, categuista, 20 anos).

Dona Maria conta de sua filha que morreu e da saudade:

"Meu marido ficava triste, de trás da moita de cana... Era lá que a minha menina gostava de ficá. Ele quería vé ela trá veis.

Vitório! A gente só vé de novo alma que não tá junto de Deus ainda. Mas ela já está. Era uma menina pura. Morreu sem casá e era moça".

A mesma imagem mítica da mancha usada para o pecado em geral é especialmente aplicada à mulher. A concepção tradicional de pecado é fator coadjuvante ha situação de dependência da mulher. Na concepção popular, a mulher é a causadora do pecado do homem. Isto se dá devido ao pecado original.

Dôra: "O homem chega em casa a hora que quer e ninguém diz nada. A mulher, se chega tarde fez alguma coisa, fica manchada".

Edmar: "A mulher é mais martirizada desde a primeira vez que a mulher falhou com Deus e com o homem".

Deonice: "Mas não foi só a mulher".

Edmar: "Foi sim! Ela que seduziu o homem".

Carlos: "Isso é uma marca nas mulheres, que foi passando de pai para filho".

- e) Ausência da Psicologia Evolutiva: Ao incorporar uma lista de pecados a qualquer etapa diferenciada na vida humana, não se consegue perceber o pecado como empecilho concreto ao crescimento da pessoa. Mais precisamente: não se explicita que há pecados típicos de cada faixa etária ou situação existencial. Por exemplo: é completamente anacrônico ensinar às crianças que elas não devem desejar a mulher do próximo. Este mandamento é tipicamente adulto. Outro problema: "Honrar pai e mãe" é extremamente penoso para adolescentes que estão numa fase de auto-afirmação e que na sua etapa de crescimento psicológico são incapazes de ter uma convivência com os pais considerada "normal" pelos padrões tradicionais.
- 3. A crítica da Psicologia Social: Os possíveis resultados a nível pessoal da concepção de pecado como ato culpável e a relação de submissão estabelecida com o Deus Pai consolador e castigador tem repercussões a nível social. As pessoas angustiadas, medrosas e aniquiladas diante da vontade onipotente de Deus tendem a ser socialmente conformadas. Deve-se obedecer ao patrão, obedecer ao Estado e aos mecanismos sociais que garantem o "status quo".

A transgressão é sempre perigosa, pois traz consigo o castigo. Quanto maior a consciência de ser pecador, fraco e impotente, menor a capacidade de enfrenta-

mento às situações opressivas.

Os operários membros de seitas protestantes parecem confirmar com sua prática esta cruciante apóstrofe.

Endereco: Caixa postal 5047 - 31611 Belo Horizonte - MG.

João Batista Libânio S.J. é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), Professor de Teologia na Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (Belo Horizonte, MG). Membro do Conselho Presbiteral da Arquidiocese de Belo Horizonte. Entre suas obras, destaquem-se: As grandes rupturas sócio-culturais e eclasiais, 1980; Pastoral numa sociadade de conflitos, 1982 (ambos pela Ed. Vozes, Petrópolis); A volta à Grande Disciplina, 1983; Fé e política, 1985 (ambos pelas Ed. Loyola, São Paulo); Escatologia cristã, escrito em conjunto com Maria Clara L. Bingemer (Ed. Vozes, Petrópolis, 1985); Teologia da Libertação; roteiro didático para um estudo, Ed. Loyola, São Paulo, 1987.